



Celia Miralles Buil
“A epidemia é uma crise que acelera acções já em andamento”
Mundo, 16/17



Proposta do PS
Egas Moniz ganhou o Nobel, mas foi o precursor da lobotomia. Merece um lugar no Panteão?
Ciência, 29

Supertaça
FC Porto na máxima força e Benfica sem Gabriel e Pizzi defrontam-se em Aveiro
Desporto, 37

Escolha de juízes presidentes envolta em suspeitas de vício nas deliberações

Dois juízes derrotados avançam com queixa no Supremo, pedindo que posse dos vencedores seja travada

A corrida ao cargo de juiz presidente em diversas comarcas do país está a gerar polémica. Dois juízes derrotados apresentaram uma providência

cautelando no Supremo Tribunal de Justiça, tentando travar a nomeação dos juízes escolhidos no processo. O motivo: vícios nas deliberações, que, entre

outros argumentos, se sustentam na fundamentação das nomeações com uma frase genérica, igual para os 18 juízes presidentes seleccionados no

concurso realizado pelo Conselho Superior da Magistratura (CSM). Rui Teixeira (que foi o juiz de instrução do processo Casa Pia e subiu à Rela-

ção de Lisboa) e a colega do Tribunal de Cascais Marília Fontes tentam impedir a posse dos magistrados escolhidos **Sociedade, 12**



BRUNO FRANGO/TNSC

Azambuja
Governo leva abate “ignóbil” de 540 animais à Justiça

Ministro do Ambiente considerou a matança em montaria na Azambuja “ignóbil”. Retirou a licença de caça e fez queixa ao MP **Sociedade, 14**

Hoje Beethoven
250 Anos

CD 8: *Abertura Fidelio (Leonora 4) Op. 72c*
+ *Sinfonia n.º 8*

Por+
3,90€



Reino Unido
Caos nos voos e nas fronteiras ameaçam Natal de portugueses

Mudanças de regras nas viagens, exigência de testes à covid-19 e muita confusão impedem portugueses de vir para o Natal **Destaque, 2/3**

Estados Unidos distanciam-se ainda mais da Europa nas ajudas de combate à crise da covid-19

Depois de um pacote de medidas de dois biliões de dólares (cerca de 1,85 biliões de euros) fixado em Março, o Congresso norte-americano apro-

vou, após uma dura negociação de vários meses, novas medidas de apoio de 900 mil milhões de dólares (cerca de 735 mil milhões de euros).

Com este novo pacote de ajudas, os Estados Unidos podem destacar-se ainda mais como um dos países em que o esforço orçamental directo no

combate à crise é mais elevado, acima daquilo que acontece, por exemplo, nos países da União Europeia **Economia, 24**

“A epidemia é uma crise que acelera acções já em andamento”

Celia Miralles Buil Professora de História da Medicina, diz que o grande problema das quarentenas sempre foi económico. O Reino Unido foi o primeiro no séc. XIX a dizer que não as queria “porque estava a desenvolver o seu comércio internacional”

Entrevista

António Rodrigues

Celia Miralles Buil foi entre 2017 e 2020 investigadora de pós-doutoramento no Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, da Universidade Nova de Lisboa, sendo actualmente professora de História da Saúde na Faculdade de Medicina da Universidade de Estrasburgo. Estudou a epidemia de peste no Porto e a tuberculose em Barcelona, dedicando-se agora à investigação das doenças que entraram pelos portos ibéricos no século XX.

Olhando para a História e tendo em conta outras grandes epidemias, que podemos esperar de um futuro pós-pandémico?

A sua pergunta faz-me lembrar uma polémica que ocorreu de Março a Junho entre historiadores sobre o uso da História para falar do futuro. Os historiadores Guillaume Lachenal e Gaëtan Thomas escreveram num artigo chamado *Covid-19: When History Has No Lessons* que o papel do historiador não é dar respostas no presente, pois se tentamos dar respostas a partir da História podemos orientar as respostas de uma forma errada. A historiadora inglesa Virginia Berridge respondeu à polémica dizendo que é certo tudo isso, mas ao mesmo tempo, a História pode ajudar a perceber o sistema e, sobretudo, a evolução, não só olhando as epidemias do passado, mas também toda a evolução até

agora”. E fala como as mudanças na saúde pública na Inglaterra permitem perceber o colapso total do sistema hoje. São duas visões diferentes sobre se a História pode ou não servir para falar do presente. **Mas, o que é que aconteceu a seguir, por exemplo, à epidemia da gripe de 1918?**

Não sou especialista na gripe de 1918, mas posso falar sobre o que aconteceu a seguir à peste no Porto em 1899, que é um tema que estudei bastante e se calhar é um bom exemplo, porque teve uma grande repercussão no sistema de saúde português. Ricardo Jorge, que geriu a peste do Porto, ao ir para Lisboa foi encarregado de criar o regulamento de sanidade marítima que era bastante novo internacionalmente. Podemos relacionar esse novo sistema com a peste do Porto, porque a peste começou com um barco do Oriente que chegou à cidade com muitos problemas de higiene, a cerca sanitária não funcionou e deixou Portugal numa situação difícil, diplomática e economicamente. A ideia de que se tinha de reformar tudo porque a cerca não tinha funcionado, também foi uma desculpa para modernizar a fronteira e uma maneira de mudar um sistema que funcionava na base da quarentena e causava muitos problemas ao comércio. No fundo, foi uma desculpa muito útil para abandonar as quarentenas e fazer um sistema muito mais flexível que permitia facilitar as relações comerciais e o desenvolvimento. A peste também foi um bom exemplo

das tensões que existiam entre as elites do Porto e de Lisboa e teve a sua influência na queda do Governo português uns anos depois. Mas a epidemia não foi único factor, veio apenas acelerar uma reforma que já tinha começado antes e que foi continuada, mas de forma muito mais acelerada. No caso da gripe, também acelerou a criação de diferentes organismos para gerir as doenças internacionais.

Ou seja, aquilo que as epidemias trazem não é uma mudança radical, mas o aumento da velocidade de reformas que estavam pensadas ou em curso?

Às vezes, sim. Laurinda Abreu, historiadora de Évora, falava do caso do Marquês de Pombal, que aproveitou o controlo da epidemia da peste e esse poder extraordinário para fortalecer o seu poder político que estava debilitado. Mas nem sempre é voluntário. A epidemia é uma crise que acelera acções que já estavam em andamento.

O debate que tivemos nesta pandemia entre saúde pública e economia é um debate que se sentiu em outras epidemias?

Sempre foi o problema principal das quarentenas no século XIX e a razão principal para que o primeiro país a dizer que não queria mais quarentenas fosse o Reino Unido: porque estavam a desenvolver o seu comércio internacional. Mas sempre foi a base da reflexão sobre mudanças na saúde pública internacional. O Regulamento Sanitário Internacional, o mais actual é o de 2005, nas suas primeiras linhas diz que o objectivo



é proteger a saúde respeitando o comércio. Mas isso, por exemplo, também reivindicavam os inspectores sanitários que faziam o controlo de saúde nos portos no princípio do século XX. Muitas vezes, o encerro e a imobilização das pessoas e do comércio conduz a situações económicas e sociais catastróficas: as populações morriam de fome. Num tempo em que não havia protecção social nenhuma, se as pessoas não podiam trabalhar, morriam. Lembro-me de revoltas muito grandes na época

moderna por essa razão, como em Moscovo, durante o Inverno de 1771. **A desigualdade que já tinha aumentado muito nos últimos anos agudizou-se neste período de pandemia, parece-lhe possível que se gerem revoltas?** Na época medieval, as pessoas que tinham dinheiro podiam sair da cidade, mas quem não tinha, ficava na cidade para morrer, como aconteceu em Paris no primeiro confinamento em França. E a diferença de mortalidade entre as classes sociais sempre foi



aumentaram a discriminação racial e económica.

Há vários exemplos disso, mas quero insistir neste ponto, não é uma mudança total, há sempre uma aceleração do que já havia. Em França fala-se agora do controlo social por via electrónica com a famosa aplicação de telemóvel, isso sempre existiu, agora sai é reforçado e legitimado pela questão da saúde. A protecção da saúde é sempre uma boa razão porque faz esse controlo parecer mais legítimo. No caso da peste no Cabo, na África do Sul, em 1901, tentaram determinar que os responsáveis da transmissão eram os negros, transferindo-os para os subúrbios das cidades. As políticas de discriminação já existiam, mas permitiu acelerar a futura discriminação inscrita na lei que conduziu mais tarde ao *apartheid*. **Usam-se indivíduos ou grupos alvos de discriminação como bodes expiatórios.**

O problema de uma análise que considera que houve instrumentalização da questão sanitária para objectivos políticos é que considera a questão sanitária fora do sistema social e político, quando está incluída. Os médicos são pessoas e participam na construção da sociedade como os outros. Estava a lembrar-me do exemplo da pandemia de cólera na Europa antes de 1865 em que se demonstrou que foram os peregrinos de Meca quem havia introduzido a cólera. Nas organizações internacionais que se estavam a criar na altura houve uma focalização da responsabilidade nesses peregrinos e toda a política internacional é concentrada no caminho de Meca e nesta população em concreto. No final do século XIX, há estudos que demonstram que os peregrinos não tinham nada a ver com a cólera, que continuava a entrar na Europa, mas o controlo específico dos peregrinos continua até bastante entrado o século XX. **Os governos acusam outros para minimizarem a sua culpa?**

Não acho que seja assim tão instrumentalizado. Para analisar a individualização é preciso falar sobre como a sociedade desde o final do século XIX construiu a ideia de que as doenças têm uma causa muito precisa que é um microrganismo, e o foco nessa ideia conduz a invisibilizar muitas outras causas da doença. É o que se esta a fazer com a covid: é causada por um microrganismo que podemos sequenciar e estamos a fazer uma vacina muito específica. Para a covid contribuem outras coisas, como os deslocamentos humanos, as mudanças climáticas, etc. Ao centrarmo-nos numa causa, desresponsabilizamo-nos, porque a culpa passa a ser da pessoa que traz o microrganismo.

impressionante. Essa ideia de que a peste atingiu todos de forma igual, as estatísticas demonstram que não foi assim nunca. E nunca vai ser. Mas é o mesmo para todas as crises, em que os ricos se fazem mais ricos e os pobres ficam mais pobres. A última crise não resultou em revolta e nem sempre o aumento da desigualdade causa revolta. **Em *Epidemics and Society: From the Black Death to the Present*, Frank Snowden escreve que as epidemias mudaram políticas, esmagaram revoluções e**



A diferença de mortalidade entre as classes sociais sempre foi impressionante. As estatísticas demonstram que a peste não atingiu todo o mundo de forma igual

A protecção da saúde é sempre uma boa razão porque faz o controlo social parecer legítimo

Na peste de 1901 na África do Sul os negros foram responsabilizados, acelerando a discriminação que conduziu ao *apartheid*



2020 Um Ano para Esquecer

Acompanhe esta série em publico.pt/
2020-ano-para-esquecer

Alertas que foram ignorados

“A ciência tem relação com o político, é negociada dia-a-dia”

Corremos o risco de assim que estivermos vacinados para a covid-19 esquecermos de mudar as condições que permitiram que o coronavírus se transformasse numa pandemia?

No caso da tuberculose foi assim e quando, em 1948, chegam os antibióticos, a saúde pública passa a centrar-se unicamente na distribuição suficiente de medicamentos às pessoas. E os médicos da tuberculose deixam de se preocupar com as condições de vida das populações, porque não é o seu trabalho – a acção social passou a ser outro serviço público. A tuberculose é um bom exemplo de como este modelo de erradicação de doenças centrado no combate aos microrganismos funciona para algumas doenças, mas não para todas – a doença ainda está muito presente e agora até há a tuberculose resistente, contra a qual os antibióticos não funcionam. Porque há animais que são reservatórios de doenças e pensarmos em matar todos os animais para matar o microrganismo é uma lógica que não tem em conta as relações das pessoas com o seu ambiente. **Tivemos o exemplo na Dinamarca, onde o Governo mandou matar todos os visons do país por causa da covid.**

No caso do regulamento português de sanidade marítima de 1901, de que estava a falar no princípio, a cerca assenta na desinfecção e isso significa destruir ratos por causa da peste, destruir mosquitos porque são o vector da febre amarela, com essa ideia de erradicar as espécies que ameaçam o homem. Nos últimos anos, desenvolveu-se muito a retórica de saúde única (One Health), que tenta pensar a saúde humana em relação com a saúde dos animais e a questão do ambiente de maneira geral. Mas, é certo que a lógica que estamos a ver e que se está a propor, concorda com a visão hegemónica que temos da causa da doença, eliminar microrganismos e animais que representam um perigo. **Para quem estudou a tuberculose e a sobrepopulação em Espanha, será que podemos pensar que a sobrepopulação do planeta aumenta consideravelmente a hipótese de podermos vir a ter mais**

pandemias como a da covid-19 no futuro?

A sobrepopulação no princípio do século XX era vista como causa da tuberculose, porque se considerava estar relacionada com o contágio. Não se considerava a pobreza das pessoas nos bairros de lata de Barcelona, nem se considerava que a morte tivesse a ver com a fadiga, com as condições sociais, apenas com a sobrepopulação. Mas é tudo a mesma ideia, porque só se pensa em contágio e em causa única das doenças.

Muitos políticos disseram no princípio desta pandemia que foram apanhados de surpresa, que não era possível saber o que ia acontecer, mas os cientistas vinham alertando para os sinais. A inacção dos políticos terá a ver com esta descredibilização da ciência que se vem sentindo nos últimos anos?

Acho que uma das razões porque o impacto da pandemia foi diferente nos países da Ásia foi porque estavam mais preparados. Também a Organização Mundial da Saúde já tinha avisado várias vezes nos anos de 2010 que se tinham de reforçar as defesas sanitárias, comprar máscaras, por exemplo. A ciência tem relação com o político e com a sociedade, não é uma coisa pura, é uma coisa negociada dia-a-dia.

Uma das coisas positivas que se pode retirar desta pandemia é a ideia de que precisamos de financiar os serviços nacionais de saúde que vinham sendo esvaziados nos últimos anos. Concorda?

Seria muito bom que uma das coisas positivas desta pandemia fosse perceber a importância de um sistema público de saúde, porém, não acho que seja o que estamos a ver, nem os exemplos do passado apontam nessa linha. Na peste do Porto do princípio do século XX, a solução que se propôs foi a de liberalizar ainda mais o sistema. E agora o que estou a ver, no geral, é que se está a pensar em reformar o sistema de saúde, em França fala-se muito disso, com propostas feitas pelas pessoas que estavam no Governo, que têm uma visão neoliberal e vão propor essa visão neoliberal, porque é o que sabem fazer.